

EMILIANO PERNETA NAS ANTOLOGIAS NACIONAIS

O. MARTINS GOMES

Já não falando na extensa bibliografia existente sobre Emiliano Perneta (1), principalmente a parte de apresentação e exegese devida à pena de seus contemporâneos e amigos Nestor Victor, Andrade Muricy e Tasso da Silveira, com atuação, todos êles, no Rio de Janeiro, o maior centro cultural do Brasil, é de notar que a obra do poeta, talvez devido mesmo a essa valiosa contribuição de seus conterrâneos, vem despertando, nesta última década, maior interesse no âmbito nacional.

Entre as várias coleções recem-publicadas, de apreciações críticas e históricas sobre a literatura brasileira, através dos vários períodos, do clássico ao moderno, estão saindo a lume os volumes da importante coleção **A Literatura Brasileira — Roteiro das grandes literaturas**, dos quais o volume IV, dedicado ao **Simbolismo**, traz judicioso estudo elaborado por Massaud Moysés, no qual êste acatado publicista, depois de estender-se no exame da vida e da produção do poeta paranaense, assim o termina: "Parece-nos lícito concluir que Emiliano Perneta, cuja obra anda a pedir repercussão e estudos à altura de sua importância, bem merece um posto de relêvo junto aos nossos principais simbolistas — Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens". (2)

(1) — **Nossos Clássicos — Emiliano Perneta — Poesia**, vol. 43, da Livraria Agir Editora. Rio, 1960, com apresentação, biografia, bibliografia do autor e bibliografia sobre o autor, por Andrade Muricy.

(2) — **A Literatura Brasileira — Roteiro das Grandes Literaturas**, da Editôra Cultrix, São Paulo, 1963-1966, vol. IV — **O Simbolismo**, Massaud Moysés (**O Estado de São Paulo** de 20-8-66, Supl.º Lit.º).

E Péricles Eugênio da Silva Ramos, em sua coletânea **Poesia Simbolista — antologia**, transcreve dez poemas de Emiliano, antecedendo os de uma nota biográfica e biblio-gráfica, onde expende esta opinião: “Emiliano Perneta, dentro de sua corrente literária, tem personalidade e merecimento, podendo figurar, sem favor, entre os nossos mais típicos e notáveis poetas decadentes e simbolistas”. (3)

Também Fernando Góes, na importante obra **Panorama da Poesia Brasileira**, volume IV, dedicado ao **Simbolismo**, precede a transcrição de cinco poemas do poeta paranaense de interessante nota biográfica sobre “a personalidade exuberante de Emiliano Perneta”. (4)

Igualmente Manuel Bandeira não deixou de, **malgré lui**, incluir na sua **Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Simbolista** sete poesias de Emiliano, mas com esta observação, lançada em certo trecho do Prefácio: “Esse **nefelibatismo** (da escola) não deu para anular a força poética genial de Cruz e Souza, nem a rara sensibilidade, o raro talento verbal de Alphonsus de Guimaraens; os menores, porém, foram por él grandemente sacrificados. Notadamente Emiliano Perneta e Dario Vellozo. Ouso dizer que se nesta antologia eu não atendesse senão ao meu gôsto pessoal, não os incluiria nela. Mas como omitir dois homens que, com Silveira Neto e Nestor Victor, foram os principais construtores do movimento simbolista no Brasil? Pude tomar tal liberdade em relação a outros caudatários e êles foram leigão: há que procurar notícia de suas pessoas e de suas obras, não numa antologia propriamente dita, mas num Panorama como o de Andrade Muricy”. (5) E inclui ainda onze poemas de Silveira Neto e dois de Dario Vellozo, do Paraná.

Os demais contemplados são, além de Cruz e Souza (vinte e três) e Alphonsus de Guimaraens (treze), Mario Pederneiras (seis), Azevedo Cruz (um) Carlos D. Fernandes (um), Pereira da Silva (três), Saturnino de Meirelles (dois), Marcelo Gama (cinco), Tristão da Cunha (quatro), Maranhão Sobrinho (dois), Felix Pacheco (um), José de Abreu Albano (oito), Castro Menezes (quatro), Da Costa e Silva (dois), Alvaro Moreyra (seis), Eduardo Guimaraens (sete), Rodrigo Octavio Filho (um), Rodrigues de Abreu (três) e Onestaldo Penafort (sete), colocados no livro pela ordem decrescente da data do nascimento de

(3) — **Poesia Simbolista — Antologia**, de Péricles Eugênio da Silva Ramos, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1965, pág. 115.

(4) — **Panorama da Poesia Brasileira**, da Editôra Civilização Brasileira S. A., vol. IV — **O Simbolismo**, de Fernando Góes, Rio, 1959, pág. 69.

(5) — **Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Simbolista**, de Manuel Bandeira, Edições de Ouro, Rio, 1965, pág. 13.

cada um, de 1861 a 1902, conforme respectivos acréscimos biográficos. De estranhar, entretanto, que o "gôsto pessoal" do eminentíssimo selecionador de poetas simbolistas não houvesse sido afetado desfavoravelmente pelas produções desses dezessete nomes aditados, a partir de Mario Pederneiras, alguns de grande expressão, como este, mas a maioria sem merecimento superior ao dos poetas paranaenses admitidos, por benevolente atenção, na coletânea, notadamente Emílio. (6)

Quase ao mesmo tempo da publicação da aludida **Antologia dos Poetas Simbolistas** (1965), aparece em segunda edição, com alguns acréscimos à primeira, que data de 1946, o livro também de Manuel Bandeira — **Apresentação da Poesia Brasileira** (7), com prefácio de Otto Maria Carpeaux, abrangendo todas as épocas, dos árcades aos modernistas.

O estalão seletivo, à maneira de pirâmide, em que os planos transversais vão diminuindo de área até o ápice, aplicado na determinação do merecimento literário, conduz a rigor cada vez maior de classificação na linha ascendente. Transcreve ali o autor cinco poemas de Cruz e Souza, seis de Alphonsus de Guimaraens e quatro de Au-

(6) — Aliás, na **Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana**, de Manuel Bandeira, com 1a. edição em 1937 (oficial) e 2a. edição em 1965, pelas Edições Ouro, do Rio, o prestigioso autor, entre os poetas maiores e menores, somando vinte e três nomes, não incluiu nenhum verso do paranaense Emílio de Menezes, sobre quem lança no Prefácio do livro esta referência, à guisa quiçá de justificativa dessa omissão: "A rima rara portuguesa é quase sempre um desastre. Não há uma poesia sequer de Emílio de Menezes que não esteja irremediavelmente prejudicada por esse rico ornato de péssimo gôsto". (pág. 20). É a prevalência ainda do gôsto pessoal, sem qualquer outra consideração, nem mesmo quanto a uma das principais características da escola. A propósito ainda de gôsto pessoal: Manuel Bandeira julga a poesia "Chão de Estrélas" de Orestes Barbosa os versos mais bonitos da língua portuguesa ("Jornal das Letras", Rio, setembro de 1966, pág. 1). Note-se que a referência é aos versos, e não à canção, de forte penetração popular, mas cujo sucesso se deve muito também à música, de autoria e interpretação do festejado seresteiro Sílvio Caldas, em perfeita conjunção com a letra. Se merece repulsa a riqueza de forma, seria o caso de desprezar também os corifeus do parnasianismo, ou seja, na França, Leconte de Lisle e, no 12, A. Cândido e J. A. Castello definem Emílio de Menezes como um poeta Brasil, Alberto de Oliveira. Na recente obra citada abaixo em nota sob n.º de rígida observância parnasiana". (pág. 108 do vol. II).

(7) — **Apresentação da Poesia Brasileira**, de Manuel Bandeira, Edições de Ouro, Rio, 1965.

gusto dos Anjos, que, entretanto, não figurara na Antologia específica da Fase Simbolista, antes analisada. Nenhuma produção poética de paranaenses, nem mesmo de Emiliano. Apenas ligeiras apreciações sobre alguns, entre as quais a seguinte, à página 110: "Afirmou Silveira Neto que o nosso **simbolismo** "teve seus meios de ação propriamente organizados no Rio de Janeiro e no Paraná, sendo que lá, em Curitiba, tomara-se a influência diretamente da corrente europeia, produzindo-se com o do Rio um movimento paralelo". No movimento brasileiro... a escola foi estudada em exaustiva sondagem por Andrade Muricy no seu Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro". (8) E à página 120: "A primeira geração simbolista desapareceu quase sem deixar livros; os que se publicaram estão esquecidos: salvando-se apenas alguns nomes Silveira Neto (9), Emiliano Perneta, do grupo do Paraná, Pereira da Silva, paraibano".

Noutra obra igualmente sob a responsabilidade de Manuel Bandeira, lançada em 1963, **Poesia do Brasil**, com o sub-título "Seleção e estudos da melhor poesia brasileira de todos os tempos" (10), tendo 524 páginas, das quais apenas 38 dedicadas ao **Simbolismo**, não há qualquer referência aos já aludidos poetas paranaenses dessa fase, nem no prólogo elucidativo, nem na respectiva antologia, onde figuram apenas trabalhos de Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens, Mario Pederneiras, José Albano e Augusto dos Anjos (10-a).

Dai talvez o motivo da observação aduzida por outro notável

(8) — **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**, por Andrade Muricy, edição do Instituto Nacional do Livro, do MEC, em 3 vols. Dep. de Imp. Nacional, Rio, 1952. Referência a O.M.G. à pag. 356 do III vol.

(9) — A propósito, merece registro a próxima publicação póstuma da obra poética de Silveira Neto — **Luar de Inverno** (3a. edição) e **Outros poemas**, a cargo de Edições GRD, do Rio de Janeiro.

(10) — **Poesia do Brasil**, de Manuel Bandeira, Editôra do Autor, Rio, 1963.

(10-a) — Ora, compulsando a importante obra já referida na nota 2 acima, verifico que, no vol. V, seu coordenador, o crítico Alfredo Bosi, reputa José Albano um poeta "neo-parnasiano" e mesmo um "neo-clássico" (pág. 21 e 24), e acusa de inadequada a inserção de Augusto dos Anjos no simbolismo (pág. 46). E Fernando Góes, no vol. IV — "O Simbolismo", da obra citada na nota 4 acima, deixa de contemplar nessa panorâmica antologia aqueles dois grandes poetas. Porém no vol. V — "O Pre-Modernismo", também sob sua responsabilidade, inclui ambos, situando Augusto dos Anjos na faixa parnasiana e classificando José Albano como um "verdadeiro clássico", com apôio no juízo crítico de Alceu Amoroso Lima (pág. 222). E coloca também nessa antologia de pre-modernistas o poeta Raul de Leoni, que alguns acolhem na corrente simbolista.

polígrafo, Otto Maria Carpeaux, quando, na sua **Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira**, dentre os nomes do Paraná incluídos na respectiva resenha (Emilio de Menezes e Nestor Victor), diz, de Emiliano Perneta: "Mais um poeta simbolista do Sul, que não conseguiu vencer os preconceitos parnasianos. Mas, os esforços de reabilitação da parte de seus conterrâneos paranaenses, tampouco convenceram até hoje os de fora". (11)

Aquela expressão de sequência, "mais um simbolista do Sul", liga-se ao juízo pouco antes expendido pelo mesmo autor (pág. 219) sobre o catarinense Cruz e Souza: "O simbolismo de Cruz e Souza foi enérgicamente rejeitado pelo parnasianismo dominante; poucos alegaram circunstâncias atenuantes, de ordem sentimental, em favor do pobre negro, humilhado e tuberculoso. Cruz e Souza ficou propriedade de uma seita de admiradores, que fêz, em vão, esforços meritórios para reabilitar a memória do poeta. A partir de 1920, mais ou menos, Cruz e Souza começou a ser reconhecido. Mas esse movimento ascensional foi interrompido pelo modernismo, cujos representantes estenderam ao "caso Cruz e Souza" seus preconceitos anti-simbolistas. No entanto, a poesia de Cruz e Souza venceu, enfim; é hoje das mais admiradas e mais estudadas, embora o interesse se limite, às vezes, ao caso, raro no Brasil, de "poeta negro".

Mais uma recente publicação — **Presença da Literatura Brasileira — História e antologia**, de Antonio Cândido e José Aderaldo Castello. Em três volumes, das origens e barroco ao modernismo, abrangendo prosa e verso, está visto que a matéria teria de ser condensada. Assim é que no segundo volume, relativo, sómente ele, ao Romantismo, Realismo, Parnasianismo e Simbolismo, os autores apresentam, como figuras tipicamente representativas da última escola, Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, com doze produções daquele e onze deste, seguindo-se, não obstante a menção de características menos acentuadas, Augusto dos Anjos e Raul de Leoni (12).

Volto pois, nesta altura, aos autorizados juizos invocados no início, da autoria dos abalisados antologistas da hora presente Massaud Moysés, Péricles Eugenio da Silva Ramos e Fernando Góes, exaltando os méritos de Emiliano Perneta, de modo a colocá-lo no mesmo nível

(11) — **Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira**, de Otto Maria Carpeaux, Editôra Letras e Artes, Rio, 1964, 3a. edição, pág. 222.

(12) — **Presença da Literatura Brasileira — História e Antologia**, de Antonio Cândido e José Aderaldo Castello, em 3 volumes, edição da Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1964.

daqueles dois poetas simbolistas já consagrados pelo consenso uniforme da crítica.

No seu estudo, de grande seriedade e força convincente, Massaud Moysés emite os seguintes conceitos sobre Emiliano Perneta, aos quais aponho alguns grifos: "Sua poesia, ao menos a confida em **Ilusão**, destaca-se no panorama de nosso Simbolismo por **características únicas**. E' que, respeitando as distâncias e proporções, sómente ele, depois de Cruz e Souza, carreou para sua obra uma real e profunda inquietação, seja como artista seja como homem. E é tal inquietação que o preserva de usar maciça e mecanicamente os **clichês decadistas-simbolistas**, ou de se arrimar preguiçosamente ao bordão parnasiano. Quando não alcançou estabelecer um acôrdo entre eles, procurou ultrapassá-los o melhor que pôde. E com isso **conseguiu criar poesia de superior quilate, dentre as mais bem acabadas de todo o nosso movimento simbolista**. E conseguiu-o graças ainda aos seus próprios recursos: numa quadra em que o magistério de Cruz e Souza fazia discípulos em toda parte, **Emiliano Perneta cuidou de se manter independente**, apenas acolhendo os estímulos de fora que correspondessem a seus particulares anseios". — "Dessa forma, a uma profunda intuição de beleza inerente às coisas aliava-se um sentimento grave da condição do homem. E do conúbio se originou uma **poesia de superior categoria artesanal e filosófica, dentre as mais bem conseguidas** do nosso Simbolismo. Atingido êsse nível, é natural que por vêzes transbordasse dos limites da estética simbolista e assumisse posições francamente pre-modernistas". (2)

E Péricles Eugênio da Silva Ramos, colocando Emiliano "**entre os mais típicos e notáveis poetas decadentes e simbolistas**", assinala ainda, em várias passagens de seu livro (3): "Em nossa opinião, houve no Simbolismo grandes poetas, como Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens, Emiliano Perneta, Augusto dos Anjos e Raul de Leoni, que nos parecem os maiores (pág. 31) — "O vale paranaense ostenta em **Ilusão** forte vinculação decadista, com versos satanistas, anti-eclesiásticos, sensuais, de sensibilidade rica e de fato desconcertante, por vezes (Segundo Muricy, a poesia de Emiliano é a mais desconcertante e variada que o Simbolismo produziu entre nós)" — "Malgrado ostente **chevilles** casuais, seu **ritmo é pessoal** e seu alexandrino frequentemente trimétrico e por exceção indivisível. Usou metros variados, como o hendecassílabo, ora com andamento trocaico, ora em linhas de ritmo variável... — "Também é de chamar a atenção o modo como se vale da mitologia, sem nenhum ranço clássico, como se sua Juno, vestida de linho, recendesse a Colônia, sol e patchuli". (pág. 115)

De condições de vida, formação intelectual e temperamentos

bem diferentes, cada qual impondo sua personalidade e sua originalidade, a verdade é que hoje se encontram colocados no plano mais alto do Simbolismo no Brasil os três nomes de **Cruz e Souza**, **Alphonsus de Guimaraens** e **Emiliano Perneta**. Por isso mesmo, convém relembrar, nesta oportunidade, o pouco caso, o mau trato ou a omissão que inflingiram ao genial poeta negro os maiorais da literatura brasileira, ao tempo em que foram publicados seus primeiros livros, e mesmo mais de vinte anos depois de sua morte, em 1898, salvo Nestor Victor, Silveira Neto, Dario Vellozo e mais alguns admiradores do magno poeta.

Observou Araripe Junior: "dos negros sem mescla é o primeiro que se torna notório pelo talento"; "poeta astral antropomórfico das raças primitivas", modificado pela "adjetivação erudita e a repercussão do triclínio romano"; e afinal, com visível má vontade — "é incontestável que nos versos Cruz e Souza apresenta-se como um dos poetas mais sonoros.

José Veríssimo escreveu, quanto aos versos dos **Broqueis** de Cruz e Souza, que são de "um parnasiano que leu Verlaine"; e quanto à prosa do seu **Missal**, que é um amontoado de palavras, que dir-se-iam tiradas ao acaso, como papelinhos de sorte".

Já Sílvio Romero, que via, com maus olhos, simbolistas e decadentes, bem informado por Nestor Victor, amigo e vizinho do crítico, chegou a considerar Cruz e Souza "a muitos respeitos o melhor poeta que o Brasil tem produzido". Mas, na sua prevenção contra a nova escola literária, acrescentou: "No Brasil, porém, para que êle caminhe e progrida, será preciso que, deixando de lado as ladainhas de B. Lopes e Alphonsus de Guimaraens, deixando de lado a parvoiçada de **Os Simples** (Guerra Junqueiro)" etc.

A propósito das opiniões desses três grandes críticos da literatura brasileira, melhores informações se obtém no monumental **Panorama**, (vol. I, págs. 59-63), de Andrade Muricy (8), que observa ainda haver sido Ronald de Carvalho, na sua **Pequena História da Literatura Brasileira** (Rio, 1919) "o primeiro a dar, em trabalho daquela natureza, relêvo especial ao movimento simbolista brasileiro"... mas "os seus juizos parecem-nos, hoje, tímidos, sobretudo no que se refere a Cruz e Souza, e nem sequer procurou definir Alphonsus de Guimaraens e Silveira Neto". (vol. III, pág. 161). E depois de se referir à exclusão ou à inclusão descuidada dos poetas simbolistas em antigas antologias, como na de Melo Moraes Filho (1903), de Alberto de Oliveira (1922), observa que só após a publicação daquela **História** de Ronald de Carvalho "é que os autores de seletas escolares, passaram a incluir, se bem que timidamente, produções

de Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens, e de Mario Pederneiras". E acrescenta: "A primeira antologia que na verdade reservou para Cruz e Souza lugar na primeira plana, dando-lhe até superioridade numérica no que concerne à proporção de peças incluídas, foi a de Manuel Bandeira, apensa à sua honesta e excelente **Apresentação da Poesia Brasileira, em 1946**". (vol. cit., págs. 296-97).

São ainda de Muricy estas observações: "Alphonsus de Guimaraens foi menos combatido, porém mais injustiçado, por esquecido e omitido, do que Cruz e Souza. Dentre os simbolistas era Silveira Neto quase o único (excetuados os seus amigos de Minas) a admirá-lo, por assim dizer ativamente, e a propagar-lhe a obra. Poucas relações fez entre eles, devido à sua reclusão em Mariana". (vol. I, pág. 66). E acrescenta Muricy que Alphonsus teve repentina revivescência no ano de 1938, graças aos estudos de divulgação de sua vida e de sua obra, saídos da pena de Henrique Lisboa, Enrique de Resende e outros. E envolve na mesma recapitulação esta referência: "Emiliano só publicou **Ilusão** em 1911, quando Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Junior estavam afastados da atividade" (12-a).

Emiliano e Alphonsus faleceram no ano de 1921. E se a revivescência de Alphonsus começou em 1938, num surto ascendente de aceitação de suas poesias, a de Emiliano se operou mais tarde, a partir de 1945, quando do lançamento da primeira edição nacional de suas **Poesias Completas** (13), e ainda melhor depois da publicação do **Panorama** de Muricy (8), numa expansão de prestígio que se vem acentuando mais nos últimos anos, como se está vendo.

E na coleção **Nossos Clássicos**, sob a direção de Alceu Amoroso Lima e Roberto Alvim Corrêa, saiu a lume, em 1960, o volume n.º 43 — **Emiliano Perneta — Poesia** (1), com segunda edição em 1966 e terceira edição já anunciada. Constitui a obra uma antologia de

12-a) — São de mencionar ainda, por incluirem produções de Emiliano Perneta, a **Seléta Contemporânea**, de MÁS Leite Armando (Ed. Vozes, Petrópolis, 1943), e a antologia portuguesa **Líricas Brasileiras** (Portugália Editora, Lisboa, 1954), da autoria de José Osório de Oliveira.

(13) — **Poesias Completas de Emiliano Perneta**, da Livraria Zelio Valverde, Rio, 1945, em dois volumes, o I (**Ilusão**), com Nota Biográfica por Andrade Muricy, e o II (**Pena de Talião, Setembro e Músicas**), com Estudo Crítico por Tasso da Silveira. Promogão da Academia Paranaense de Letras, através de seu presidente O. Martins Gomes e de seu vice-presidente Raul Gomes, com ajuda do dr. Alexandre Beltrão, no cargo de Prefeito de Curitiba, e do dr. Augusto Perneta, sobrinho do poeta.

poemas do grande simbolista, para maior divulgação, com sucesso de livraria.

Por último, ainda nêste mês de outubro de 1966, quando um conjunto de festividades (14) encerrarão as comemorações do centenário de Emiliano Perneta em Curitiba, será lançada a grande coletânea **Ilusão e Outros Poemas**, abrangendo os livros de versos **Ilusão, Setembro e Pena de Talião**.

A propósito do centenário do vate paranaense, expressiva é a página comemorativa do **Jornal do Comércio** do Rio de Janeiro, com a colaboração de vários escritores (15).

Observe-se pois, em contraposição ao assinalado desprezo de outrora, o surto de prestígio que passaram a experimentar, depois dessa revivescência, os três grandes simbolistas.

E quanto a Cruz e Souza, êsse reconhecimento levou seus mais autorizados apologistas a dar-lhe posição de relêvo no âmbito inter-

(14) — O Prefeito de Curitiba, dr. Ivo Arzua Pereira, num louvável gesto de incentivo às promoções culturais, oficializou as festividades programadas para o corrente mês de outubro pela Comissão das Comemorações do Centenário de Emiliano Perneta, por mim presidida, as quais consistem, principalmente: a) na colocação de uma placa de bronze, com a gravação da poesia **Hercules** de Emiliano, no pedestal de sua herma, à praça Gen. Ozório; b) no desfile de carros alegóricos conduzindo senhoritas em trajes helênicos, no Passeio Público, até à Ilha da Ilusão, onde será inaugurado um busto de Emiliano, com uma coroa de louros em bronze, revivescência não só de antigas festas da primavera nesse parque, como da coroação do poeta no mesmo local, em 1911; c) canto coral, bailados e declamação por musas e gregas; d) lançamento do livro **Ilusão e Outros Poemas**, confecção de Edições GRD do Rio de Janeiro, para o Centenário, com eficiente cooperação do ilustre dr. Paulo Pimentel, Governador do Paraná, trazendo estudos sobre o poeta, da lavra de Tasso da Silveira e Andrade Muricy, que organizaram o volume e o enriqueceram com fotografias, preciosas notas de cronologia biográfica e bibliografia do autor e ainda de vasta bibliografia sobre o autor.

(15) — **Jornal do Comércio** do Rio de Janeiro, de domingo, 16-1-1966, seção Letras, com um longo estudo de A. J. Pereira da Silva, datado de 1910 mas inédito, artigos de Murilo Araújo, A. A. de Mello Cançado, Francisco Leite e Andrade Muricy, e reprodução de uma nota biográfica por Nestor Victor.

Também o "Jornal das Letras", do Rio, de fevereiro de 1966, traz uma página sobre Emiliano Perneta, encimando-a com seu retrato. E na Academia Brasileira de Letras, em sessão de 12 de janeiro, os acadêmicos Rodrigo Octavio Filho e Elmano Cardim leram estudos de sua lavra apreciando a obra de Emiliano Perneta.

nacional. Roger Bastide, professor francês da Universidade de São Paulo, o coloca entre os três maiores poetas do simbolismo universal, ao lado de Mallarmé e de Stefan George. Na opinião de V. Garcia Calderon, Cruz e Souza é o maior poeta sul-americano. E outro escritor estrangeiro, Samuel Putnam, considera Cruz e Souza "um dos mais singulares e mais fascinantes poetas de qualquer país ou de qualquer tempo" (Muricy, **Panorama** cit., vol. I, 71, 72 e 104).

—oOo—

A presente disertação envolve uma tese, ou seja, deixar patente a admiração que vem despertando cada vez mais a poesia de Emílio Perneta, com consequente divulgação mais ampla do seu nome na esfera nacional, ao lado de Cruz e Souza e de Alphonsus de Guimaraens, constituindo êstes com êle a triade mais legitimamente representativa da escola simbolista no Brasil.

Dai a necessidade de desenvolver a demonstração da tese com farta invocação de subsídios idôneos, usando ainda de probidade na menção também de elementos que pudessem porventura, de outro lado, enfraquecer embora aquela afirmativa.

(Outubro de 1966)